

O IDOSO HOSPITALIZADO: ATUAÇÃO DO ACOMPANHANTE E EXPECTATIVAS DA EQUIPE DE ENFERMAGEM

Larissa Silva Teixeira*
Maria Aparecida Vieira**
João Marcus Oliveira Andrade***
Danilo Cangussu Mendes****

RESUMO

Este estudo objetivou descrever as atividades realizadas pelos acompanhantes de idosos hospitalizados e as expectativas da equipe de enfermagem quanto a esses acompanhantes. Estudo transversal analítico, realizado em um hospital universitário, em Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, com 30 acompanhantes de idosos e 32 profissionais de enfermagem, teve como instrumento de coleta de dados um questionário elaborado com referenciais de autores estudiosos da temática. Utilizou-se na análise de dados o teste Qui-quadrado, para a associação de variáveis. Os resultados mostraram associação estatística nas atividades de colocar/tirar roupas, na frequência “sempre” e “quando necessário”; e fazer a cama, na frequência “sempre”. Quanto a colocar/tirar roupas, na frequência “sempre”, o acompanhante auxilia o idoso mais do que o esperado pela equipe, e a expectativa maior da enfermagem é a de que o acompanhante auxilie “quando necessário”. Sobre o fazer a cama, na frequência “sempre”, o acompanhante realiza a atividade mais do que o esperado pela equipe, e a expectativa maior da enfermagem é que o acompanhante “nunca” auxilie. Espera-se que a equipe de enfermagem compreenda a sua ação para além do cliente, abrangendo o acompanhante em seu processo de cuidar.

Palavras-chave: Idoso. Hospitalização. Cuidadores. Enfermagem.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, ocorreram modificações significativas nos padrões demográficos e de saúde da população mundial, acarretando um crescimento expressivo da população idosa, fato que impôs a necessidade de discussão acerca das ações de saúde voltadas para essa clientela, com foco na assistência à saúde de qualidade e na manutenção da funcionalidade do idoso⁽¹⁾.

O envelhecimento é considerado um processo complexo e multifatorial, que proporciona modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, de forma dinâmica e progressiva, que determinam a perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente⁽²⁾. A ocorrência de patologias em idosos é frequente, e provoca alterações em seu quadro funcional, culminando, muitas vezes, na necessidade de submissão aos processos de internação hospitalar e de acompanhamento familiar⁽³⁻⁴⁾.

Nesse contexto, a equipe de enfermagem, no ambiente hospitalar, depara-se com grande contingente de idosos hospitalizados, em inúmeras ocasiões, acompanhados de um cuidador. Essa nova situação exige a construção de uma tríade de relações no cuidado do idoso hospitalizado, composta pela equipe de enfermagem, o paciente e o acompanhante⁽⁵⁾.

A presença do acompanhante durante o processo de hospitalização do idoso é tão importante e necessária que foi assegurada, no Brasil, pela Portaria n. 280/1999, do Ministério da Saúde. Essa prática oferece a permanência do acompanhante do idoso internado em ambiente hospitalar, com a finalidade de favorecer a sua participação ativa no cuidado ao cliente, minimizando os impactos negativos do processo de internação⁽⁶⁾.

No momento em que se torna corresponsável pelo cuidado, o acompanhante passa a ser parte da engrenagem da dinâmica hospitalar, podendo se tornar um aliado no processo de reivindicação por melhores

*Enfermeira do Serviço de Atendimento Móvel de Urgência de Diamantina – Minas Gerais, Brasil. E-mail: lari_gbi@hotmail.com

**Enfermeira, Doutoranda em Enfermagem pela Universidade Federal de São Paulo. Professora do Departamento de Enfermagem da Universidade Estadual de Montes Claros – Minas Gerais, Brasil. E-mail: di.vieira@ig.com.br

***Enfermeiro. Mestrando em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros. Professor do Curso de Graduação em Enfermagem das Faculdades Santo Agostinho - Minas Gerais, Brasil. E-mail: joao_marcus13@hotmail.com

****Cirurgião-dentista, Doutorando em Ciências da Saúde pela Universidade Estadual de Montes Claros - Minas Gerais, Brasil. E-mail: danilocangussuodonto@yahoo.com.br

condições da oferta de cuidados de enfermagem, e lança mão do conhecimento compartilhado com a equipe de enfermagem para proporcionar melhor cuidado ao idoso⁽⁷⁾.

No entanto, a relação paciente, acompanhante e equipe de enfermagem nem sempre é harmoniosa, porque há dificuldades e conflitos entre esses sujeitos, principalmente no que se refere às limitações do acompanhante para colaborar nos cuidados e na relação interpessoal entre ambos, apesar do reconhecimento, por parte dos profissionais, da importância da presença do acompanhante durante o período de hospitalização. Faltam ainda orientações ao acompanhante e aos profissionais sobre os direitos e os deveres desses indivíduos⁽⁵⁾.

Devem ser consideradas as modificações na pirâmide etária que têm colocado o tema envelhecimento no foco das políticas de saúde pública no Brasil; cujas estatísticas demonstram a significativa participação de pessoas com 60 anos ou mais nas internações hospitalares e seus respectivos gastos. Assim, torna-se necessário produzir investigações concernentes a essa temática para favorecer o levantamento de dados úteis ao direcionamento da oferta de serviços de saúde e para preparar a sociedade para os impactos produzidos por essa realidade⁽⁸⁻⁹⁾.

Nesse contexto, este estudo teve por objetivo descrever as atividades realizadas pelos acompanhantes de idosos hospitalizados e as expectativas da equipe de enfermagem quanto a esses acompanhantes.

METODOLOGIA

Trata-se de uma pesquisa transversal e analítica, realizada em um hospital-escola no município de Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Essa instituição presta assistência gratuita e universal à população do Norte do estado de Minas Gerais, do Vale do Jequitinhonha e do Sul da Bahia.

Participaram deste estudo 30 acompanhantes de idosos hospitalizados em unidade de Clínica Médica, e 32 profissionais da equipe de enfermagem, lotados no mesmo setor de internação dos idosos.

Dos quatro enfermeiros elegíveis para o estudo, dois estavam ausentes no período da coleta de dados: um estava de férias

regulamentares; e o outro, afastado do trabalho por motivo de saúde. Nesse sentido, foram incluídos nesta investigação dois enfermeiros lotados nas unidades de Clínica Médica. Os enfermeiros do turno noturno dessas unidades não foram incluídos nesta pesquisa por desenvolverem, principalmente, atividades de supervisão durante o plantão.

Quanto aos técnicos de enfermagem, foi utilizada a amostra intencional. Sendo assim, foram entrevistados 30 técnicos de enfermagem, contemplando os turnos diurno e noturno de trabalho, conforme amostragem utilizada em estudo de Pena e Diogo⁽¹⁰⁾, de maneira que o técnico de enfermagem entrevistado estivesse escalado para os cuidados do idoso, cujo acompanhante seria também entrevistado. Em relação à categoria auxiliar de enfermagem, verificou-se que, durante o período de coleta de dados, nenhum dos auxiliares de enfermagem atendeu ao critério de estar cuidando do idoso cujo acompanhante também estivesse participando desta pesquisa.

A coleta de dados foi realizada entre os meses de outubro e novembro de 2010, por meio dos questionários utilizados por Pena e Diogo⁽¹⁰⁾, elaborados com base em pesquisas de autores que estudaram essa temática⁽¹¹⁻¹²⁾. As entrevistas foram conduzidas na própria instituição pela pesquisadora, em local reservado e após o agendamento de horário com os sujeitos envolvidos, sem interferência nas suas atividades profissionais. Para a caracterização dos acompanhantes, foram coletadas informações referentes às variáveis: sexo, idade, grau de parentesco com o idoso, remuneração pela atividade de acompanhante e formação na área da saúde. Para a caracterização dos profissionais de enfermagem, foram levantadas as variáveis: sexo, idade e período de conclusão do curso.

A análise de dados foi realizada por meio do programa SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*), versão 16.0 para Windows. Utilizou-se o teste Qui-quadrado (X^2) para a associação entre variáveis dependentes e independentes, considerando o nível de significância estatística de 95% ($p < 0,05$). Nos casos em que não foi possível obter os resultados do Qui-quadrado (X^2), ou quando mais de 25% das caselas apresentavam números menores do

que cinco, adotou-se o *Fisher's Exact Test* ou o *Likelihood Ratio*.

Esta pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da Universidade Estadual de Montes Claros (Unimontes), por meio do Parecer Consubstanciado n. 2210/2010, e teve autorização da Diretoria Assistencial da instituição participante. Todos os participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados do estudo mostraram que a maioria dos acompanhantes é do sexo feminino (80%; n=24), com idade entre 35 e 44 anos (40%; n=12). Em relação ao grau de parentesco,

os acompanhantes eram, principalmente, filhos(as), 56,7% (n=17), e cônjuges, 16,6% (n=5). Quanto à remuneração para a atividade de acompanhante, 10% (n=3) recebem remuneração para permanecer com o idoso no hospital. Em relação à formação na área da saúde, 10% (n=3) dos acompanhantes possuem curso de qualificação profissional para Auxiliar de Enfermagem (Tabela 1).

De forma semelhante ao presente estudo, pesquisa realizada no município de Florianópolis, entre 2004 e 2005, com o objetivo de descrever o perfil do familiar cuidador do idoso doente e fragilizado, identificou que a média de idade dos cuidadores foi de 48 anos, e que 84,3% deles eram do sexo feminino⁽¹³⁾.

Tabela 1 – Caracterização dos acompanhantes de idosos hospitalizados. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, 2010.

Variáveis	nº	%
Sexo		
Masculino	6	20,0
Feminino	24	80,0
Idade		
25-34	2	6,6
35-44	12	40,0
45-54	8	26,7
≥ 55	8	26,7
Grau de parentesco		
Filho(a)	17	56,6
Cônjuge	5	16,7
Outros	5	16,7
Nenhum	3	10,0
Remuneração		
Sim	3	10,0
Não	27	90,0
Formação na área da saúde		
Sim	3	10,0
Não	27	90,0

Resultados encontrados em estudo sobre o perfil do cuidador de idosos acometidos por Acidente Vascular Cerebral Isquêmico, em um hospital de Fortaleza (CE), no ano de 2009, mostraram que a idade média do cuidador é de 47 anos, sendo 92,3% do sexo feminino. Em relação ao grau de parentesco, 63,5% dos

cuidadores são filhos; e 23,1%, cônjuges dos idosos⁽¹⁴⁾.

Sobre o número de acompanhantes, 53,4% (n=16) afirmaram ter o idoso de um a dois acompanhantes no hospital; e 46,6% (n=14), de três a quatro acompanhantes. Identificou-se ainda que 40% (n=12) dos acompanhantes permaneciam 12 horas no hospital; 13,3% (n=4),

18 horas; 13,3% (n=4), 24 horas; e 6,7% (n=2) permaneciam 6 horas com o idoso no hospital. Os acompanhantes que não fazem rodízio com outras pessoas correspondem a 26,7% (n=8); destes, 75% (n=6) permaneciam 24 horas no hospital, como únicos acompanhantes do idoso.

A associação entre os familiares que assumem, concomitantemente, o papel de acompanhante no hospital e de cuidador no domicílio também foi identificada por Pena e Diogo⁽¹⁰⁾; cujos resultados mostram que 66,7% dos acompanhantes assumem, ao mesmo tempo, as duas funções, e, desses, 33,3% são filhas e 16,7% são esposas dos idosos hospitalizados. No que se refere ao acompanhamento ao idoso hospitalizado na citada investigação⁽¹⁰⁾, foi

verificado que 40% dos acompanhantes se revezavam com outras pessoas. Em relação aos acompanhantes que não faziam rodízio (60%), 57% permaneciam 24 horas no hospital com o idoso; diferentemente deste estudo, no qual 73,3% (n=22) dos acompanhantes se revezavam, 26,7% (n=8) não faziam rodízio e 20% (n=6) permaneciam 24 horas no hospital.

Em relação aos profissionais de enfermagem, verificou-se que a maioria dos técnicos de enfermagem era do sexo masculino (56,7%; n=17), com idade entre 30 e 34 anos (36,6%; n=11). Quanto aos enfermeiros, 100% (2) estavam na faixa etária entre 25 e 29 anos, sendo do sexo masculino (Tabela 2).

Tabela 2 - Caracterização dos profissionais da equipe de enfermagem. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, 2010.

Variáveis	Técnicos de Enfermagem		Enfermeiros	
	nº	%	nº	%
Sexo				
Masculino	17	56,6	2	100
Feminino	13	43,4	-	
Idade				
20-29	10	33,3	2	100
30-39	13	43,4	-	
40-49	4	13,3	-	
≥ 50	3	10,0	-	
Período de conclusão do curso				
1990-1999	6	20,0	-	
2000-2009	24	80,0	2	100

Sobre a Portaria que regulamenta a permanência do acompanhante com o idoso durante a hospitalização, 76,7% (23) dos acompanhantes, 50% (n=1) dos enfermeiros e 46,7% (n=14) dos técnicos de enfermagem que participaram deste estudo informaram não conhecê-la.

A Tabela 3 apresenta os resultados da frequência das atividades nas quais os acompanhantes auxiliam o idoso durante a hospitalização e as expectativas da equipe de enfermagem.

Entre as atividades de maior ocorrência, os acompanhantes afirmaram ajudar o idoso “sempre” em: dar suporte emocional, 96,7% (29); cuidar dos pés e das unhas, 56,7% (17); cuidar

dos cabelos e da barba, 53,3% (16); cuidar das mãos e das unhas, 50% (15); e tomar banho, 46,7% (14). Na frequência “nunca”, as atividades de maior ocorrência foram: realizar exercícios, 100% (30); comer, 36,7% (11); beber, 33,3% (10); realizar mudança de decúbito, 33,3% (10); limpar a boca e os dentes, 30% (9); e fazer a cama, 30% (9). Ressalte-se que a realização de exercícios não era feita por nenhum idoso, em virtude do quadro clínico; por isso, o acompanhante nunca auxiliava nessa atividade. Acerca da frequência “quando necessário”, as atividades de maior ocorrência foram: sentar, 46,7% (14); beber, 46,7% (14); comer, 43,3% (13); colocar e tirar roupas, 43,3% (13); cuidar da pele, 36,7% (11); e fazer a cama, 33,3% (10).

Tabela 3 - Distribuição das atividades nas quais os acompanhantes auxiliam o idoso durante a hospitalização e a expectativa da equipe de enfermagem, segundo a frequência de realização. Montes Claros, Minas Gerais, Brasil, 2010.

Atividades	Sempre			Nunca			Quando necessário		
	Acomp.	Equipe	p (x ²)	Acomp.	Equipe	p (x ²)	Acomp.	Equipe	p (x ²)
	n ^o (%)	n ^o (%)		n ^o (%)	n ^o (%)		n ^o (%)	n ^o (%)	
Colocar e tirar roupas	13	5	0,04	4	2	0,67*	13	23	0,01
Sentar	7	3	0,30	5	3	0,71*	14	20	0,19
Realizar exercícios	-	-	-	-	-	-	-	-	-
Andar	6	7	1	5	3	0,71*	8	9	1
Ficar em pé e deitar	6	5	1	5	4	1*	9	11	0,78
Usar o banheiro	9	9	0,78	6	2	0,25*	9	13	0,42
Comer	6	9	0,55	11	9	0,78	13	12	1
Beber	6	9	0,55	10	9	1	14	12	0,79
Tomar banho	14	9	0,28	7	4	0,50	9	17	0,07
Cuidar dos cabelos e da barba	16	12	0,43	5	2	0,42*	9	16	0,12
Limpar a boca e os dentes	13	8	0,27	9	7	0,77	8	15	0,11
Cuidar das mãos e das unhas	15	12	0,60	7	3	0,30	8	15	0,11
Cuidar dos pés e das unhas	17	12	0,30	6	3	0,47*	7	15	0,06
Cuidar da pele	13	14	1	6	2	0,25*	11	14	0,60
Dar suporte emocional	29	27	0,61*	-	-	-	1	3	0,61*
Fazer a cama	11	3	0,03	9	14	0,29	10	13	0,60
Realizar mudança de decúbito	11	5	0,14	10	10	0,78	9	15	0,19
Total	192	149		135	107		152	223	

*Realizado o Teste de Fisher

As atividades nas quais a equipe de enfermagem esperava que os acompanhantes auxiliassem o idoso “sempre” foram: dar suporte emocional, 90% (27); cuidar da pele, 46,7% (14); cuidar dos cabelos e da barba, 40% (12); cuidar das mãos e das unhas, 40% (12); e cuidar dos pés e das unhas, 40% (12). Na frequência “nunca”, as atividades de maior ocorrência foram: realizar exercícios, 100% (30); fazer a cama, 46,7% (14); realizar mudança de decúbito, 33,3% (10); comer, 30% (9); e beber, 30% (9). Verificou-se que a realização de exercícios não

era feita por nenhum idoso; por isso, os membros da equipe de enfermagem nunca esperavam que os acompanhantes auxiliassem o idoso nessa atividade. Quanto à frequência “quando necessário”, as atividades de maior ocorrência foram: colocar e tirar roupas, 76,6% (23); sentar, 66,7% (20); tomar banho, 56,7% (17); cuidar dos cabelos e da barba, 53,3% (16); limpar a boca e os dentes, 50% (15); cuidar das mãos e das unhas, 50% (15); cuidar dos pés e das unhas, 50% (15); e realizar mudança de decúbito, 50% (15).

Foram encontrados resultados estatisticamente significativos ($p < 0,05$) nas atividades de colocar e tirar roupas, na frequência “sempre” e “quando necessário”; e em fazer a cama, na frequência “sempre”. Nota-se que, na atividade de colocar e tirar roupas, na frequência “sempre”, o acompanhante auxilia o idoso mais do que a equipe espera, e a expectativa maior da enfermagem é que o acompanhante auxilie “quando necessário”. Em relação a fazer a cama, na frequência “sempre”, o acompanhante realiza a atividade mais do que a equipe espera, e a expectativa maior da enfermagem é que o acompanhante “nunca” auxilie. Quanto às outras atividades, não houve diferenças estatisticamente significativas entre o realizado pelo acompanhante e a expectativa da equipe de enfermagem.

Constatou-se ainda nesta investigação que tanto os acompanhantes como a equipe de enfermagem identificaram as atividades de cuidar dos pés e das unhas, cuidar dos cabelos e da barba, cuidar das mãos e das unhas e tomar banho como importantes, devendo ser realizadas por todos aqueles que acompanham o idoso hospitalizado. Todas essas atividades correspondem aos cuidados gerais de higiene, consideradas inerentes à boa prática do cuidado e oferecidas aos idosos pelos acompanhantes⁽⁵⁾.

As atividades de maior ocorrência, nas quais os acompanhantes afirmaram nunca ajudar o idoso, que a enfermagem nunca espera que eles ajudem são: realizar exercícios e realizar mudança de decúbito. Já a prática de mudança de decúbito, por ser considerada de relativa complexidade, deve ser essencialmente conduzida pela equipe de enfermagem, não podendo ser delegada aos acompanhantes⁽¹⁶⁾, em conformidade com o encontrado nesta pesquisa.

Como observado nesta pesquisa, o processo de cuidar do idoso hospitalizado envolve fatores diversos que contribuem para o estreitamento da

relação entre o acompanhante e a equipe de enfermagem. O acompanhante, como participante do processo de cuidar, deve ser orientado e auxiliado para esse papel, uma vez que a presença do familiar facilita e auxilia o serviço de enfermagem em atividades de menor complexidade. Essa participação não tem o propósito de caracterizar o acompanhante como substituto do papel da enfermagem, mas que a sua presença e a sua participação sejam oportunidades valorizadas, no sentido de envolvê-lo nos cuidados aos idosos, observando seus limites e suas potencialidades⁽⁵⁾.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente investigação permitiu considerar a importância do elo entre equipe de enfermagem e acompanhantes no cuidado ao idoso hospitalizado, o que possibilita o desenvolvimento de parcerias, cabendo à enfermagem orientar o familiar quanto à sua atuação no processo de cuidar.

Espera-se que os resultados deste estudo possam subsidiar a formulação de novas políticas na instituição em estudo, visando à inclusão do acompanhante como parte integrante do cuidado ao idoso hospitalizado, de forma a favorecer a sua participação. Recomenda-se estimular a criação de espaços nos quais o acompanhante possa discutir temáticas relativas ao ser cuidador; fortalecer o ensino de conteúdos sobre assistência ao idoso nos cursos de graduação e de Técnico de Enfermagem; e incentivar o desenvolvimento de pesquisas similares em outras instituições hospitalares, a fim de aprofundar o conhecimento sobre a atuação dos acompanhantes dos idosos hospitalizados e as expectativas da equipe de enfermagem.

HOSPITALIZED ELDERLY: THE ROLE OF COMPANIONS AND EXPECTATIONS OF THE NURSING TEAM

ABSTRACT

This study described the activities of caregivers of hospitalized elderly and the nursing team's expectations regarding those companions. It consists of an analytical cross-sectional study conducted in a university hospital in the city of Montes Claros, Minas Gerais, Brazil. The participants were 30 companions of elderly patients and 32 nursing team's. The data collection instrument was a questionnaire with reference to scholars of thematic. Used in data analysis the Chi-square test for association of variables. The results showed statistical association for the activities of dressing and undressing, in "always" and "when necessary" frequencies, and making the bed, in

"always" frequency. For dressing and undressing activities, in "always" frequency, the companion assists the elderly more than expected by the nursing team, and the highest expectation of the team is that the companion assists the patient "when necessary". As for making the bed, in "always" frequency, the companion carries on the activity more often than expected by the team, and the highest expectation of the nursing team is that the companion "never" gives assistance. It is necessary that the nursing staff has a broader vision, understanding their action beyond the client, also covering the companion in their process of taking care.

Keywords: Aged. Hospitalization. Caregivers. Nursing.

EL ANCIANO HOSPITALIZADO: ACTUACIÓN DEL ACOMPAÑANTE Y LAS EXPECTATIVAS DEL EQUIPO DE ENFERMERÍA

RESUMEN

Este estudio tuvo como objetivo describir las actividades de los acompañantes de ancianos hospitalizados y las expectativas del personal de enfermería, con relación a dichos acompañantes. Es un estudio transversal analítico, realizado en un hospital universitario, en Montes Claros, Minas Gerais, Brasil. Participaron 30 acompañantes de ancianos y 32 profesionales de enfermería. Tuvo, como instrumento de recolección de datos, una encuesta elaborada a partir de referencias de autores que estudian esa temática. Se utilizó en el análisis de datos prueba de Chi cuadrado para la asociación de variables. Los resultados mostraron una asociación estadística para las actividades de colocar y quitar ropas, en frecuencia "siempre" y "cuando sea necesario", y hacer la cama, con frecuencia "siempre". Para la actividad de colocar y quitar ropas, en frecuencia "siempre", el acompañante auxilia al anciano más de lo esperado por el equipo, y la expectativa mayor de la enfermería es la de que el acompañante auxilie "cuando sea necesario". Con relación a hacer la cama, en la frecuencia "siempre", el acompañante realiza la actividad más de lo que el equipo espera, y la expectativa mayor de la enfermería es que el acompañante "nunca" auxilie. Es necesario que el equipo de enfermería tenga una visión más amplia, comprendiendo su acción más allá del cliente, alcanzando también al acompañante en su proceso de cuidados.

Palabras clave: Anciano. Hospitalización. Cuidadores. Enfermería.

REFERÊNCIAS

1. Veras R. Envelhecimento populacional contemporâneo: demandas, desafios e inovações. Rev Saúde Pública. 2009; 43(3):548-54.
2. Ferreira OGL, Maciel SC, Silva AO, Santos WS, Moreira MASP. O envelhecimento ativo sob o olhar de idosos funcionalmente independentes. Rev Esc Enferm USP. [online]. 2010; 44(4): 1065-69 [acesso em: 18 jul 2012] Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v44n4/30.pdf>
3. Braz E, Ciosak SI. O tornar-se cuidadora na senescência. Esc Anna Nery Rev Enferm. 2009 abr./jun. [acesso em: 10 jul 2012]; 13(2):372-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ean/v13n2/v13n2a19.pdf>
4. Gonçalves LMT, Nassar SM, Daussy MFS, Santos SMA, Alvarez AM. O convívio familiar do idoso na quarta idade e seu cuidador. Cienc cuid Saúde. 2011; 10(4):746-54.
5. Pena SB, Diogo MJD'E. Expectativas da equipe de enfermagem e atividades realizadas por cuidadores de idosos hospitalizados. Rev Esc Enferm USP [online]. 2009 [acesso em: 1 jul 2012]; 43(2):351-7. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n2/a14v43n2.pdf>
6. Portaria n. 280, de 7 de abril de 1999. Torna obrigatórios os meios que viabilizem a permanência do acompanhante do idoso hospitalizado. Brasília (DF): Ministério da Saúde; 1999.[acesso em: 17 jul 2012]. Disponível em: http://www.sna.saude.gov.br/legisla/legisla/acomp/GM_P2_80_99acomp.doc
7. Teixeira MLO, Ferreira MA. Uma tecnologia de processo aplicada ao acompanhante do idoso hospitalizado para sua inclusão participativa nos cuidados diários. Texto contexto - enferm. 2009;18(3):409-17 [acesso em: 2 jul 2012]. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/premio2010/trabalho_publicado/trabalho_marialuizateixeira_mh_tp.pdf
8. Veras, R. Fórum. Envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Introdução. Cad. Saúde Pública. 2007; 23(10): 2463-2466.
9. Silveira CL, Budo MLD, Silva FM, Beuter M, Schimit MD. Rede Social das cuidadoras de familiares com doença crônica incapacitante no domicílio: implicações para a enfermagem. Cienc cuid Saúde. 2009; 8(4):667-74.
10. Pena SB, Diogo MJDE. Fatores que favorecem a participação do acompanhante no cuidado do idoso hospitalizado. Rev Latino-Am Enfermagem. 2005 set-out;13(5):663-9.
11. Laitinen P. Elderly patients and their informal caregivers perceptions of care given: the study-control war design. J Adv Nurs. 1994; 20(1):71-6.
12. Laitinen P, Isola A. Promoting participation of informal caregivers in the hospital care of elderly patients: informal caregivers perceptions. J Adv Nurs. 1996 mai; 23(5):942-7.
13. Gonçalves LHT, Alvarez AM, Sena ELS, Santana LWS, Vicente FR. Perfil da família cuidadora de idoso doente/fragilizado do contexto sociocultural de Florianópolis, SC. Texto contexto- enferm. 2006; 15(4):570-7 [acesso em: 10 jul 2012]. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tce/v15n4/v15n4a04.pdf>
14. Vieira CPB, Fialho AVM. Perfil de cuidadores familiares de idosos com acidente vascular cerebral isquêmico. Rev Rene. 2010; 11(2):161-9. [acesso em: 10 jul 2012].

2012]. Disponível em:

http://www.revistarene.ufc.br/vol11n2_pdf/a18v11n2.pdf

15. Abraão SR, Bezerra ALQ, Branquinho NCSS, Paranaguá TT. Caracterização, motivação e nível de satisfação dos técnicos de enfermagem de um hospital universitário. Rev Enferm UERJ. 2010; 18(2):253-8 [acesso em: 6 jul 2012]. Disponível em: <http://www.facenf.uerj.br/v18n2/v18n2a15.pdf>

16. Andrade LM, Costa MFM, Caetano JÁ, Soares E, Beserra EP. A problemática do cuidador familiar do portador de acidente vascular cerebral. Rev Esc Enferm USP. 2009 mar; 43(1):37-43. [acesso em: 10 jul 2012]. Disponível em:

<http://www.scielo.br/pdf/reeusp/v43n1/05.pdf>.

Endereço para correspondência: Maria Aparecida Vieira. Rua Jasmim 127, Bairro Sagrada Família. CEP: 39401-028. Montes Claros, Minas Gerais.

Data de recebimento: 26/08/2012

Data de aprovação: 17/06/2013